

A DRAMATURGIA DE ARIOVALDO MATOS: DESVENDANDO SEU ESPÓLIO

Mabel Meira Mota (UFBA)

mabelmmota@gmail.com

Rosa Borges dos Santos (UFBA)

borgesrosa6@yahoo.com.br

1. *Considerações iniciais*

Ao longo de sua transmissão os textos sofrem interferências diversas que acabam por distanciar o leitor daquela que seria a última forma atestada pelo autor. A Crítica Textual, a partir de seus pressupostos teórico-metodológicos (*recensio, collatio, emendatio, constitutio textus*), tem se ocupado de recuperar este material tanto em termos físicos quanto ao seu conteúdo, colaborando para a recuperação, preservação e transmissão do patrimônio cultural escrito.

Neste trabalho, pretende-se apresentar a proposta de organização do espólio do escritor baiano Ariovaldo Magalhães Matos, com vistas, à recuperação de seus textos, recolha e guarda dos mesmos, para posterior edição. Desse modo, conjugando os esforços de duas áreas do conhecimento, a Crítica Textual e a Arquivística Literária, procurar-se-á desenvolver a discussão.

2. *Recuperar, interpretar e editar: os “papéis” da filologia textual*

De acordo com Meneses (1998, p.90), os processos de rememoração ocorrem num universo que é composto tanto de palavras quanto de coisas. Assim, tanto a materialidade, o suporte do texto, quanto seu teor, são fontes mediadoras da memória, que permitem “expressar o passado de forma profunda e sensorialmente convincente” (MENESES, 1998, p.90). A Filologia Textual/ Crítica Textual, ao recuperar do olvido tais fontes, tem se responsabilizado por “fixar, reconstruir, criticar etc., os textos transmitidos” (CANO AGUILAR, 2000, p. 4), trazendo a lume a memória presente nestes.

O conjunto reunido de testemunhos e fontes que fazem alusão a uma dada obra são lugares de memória por excelência. A inserção

do editor no estudo da tradição do texto se dá de maneira criteriosa, através de etapas operacionais que irão nortear a atividade filológica até a fixação do texto crítico e sua disponibilização para diversos fins. São elas: *recensio*, *collatio*, *emendatio*, *constitutio textus*. Dentre estas, destaca-se, no presente trabalho, a importância da *recensio* para subseqüentes investigações acerca da transmissão do texto.

Ao dar início ao exercício do labor filológico, o editor lança-se, primeiramente, no estudo da tradição textual, “*tanto de la producción global de un autor como de cada obra em particular*” (PEREZ PRIEGO, 1997, p.42), dando conta das estratificações e flutuações do texto. Perez Priego (1997, p. 51-52) destaca que:

La *recensio* comienza propriamente com la relación de los testimonios que nos han transmitido la obra. Entre ellos hay que tener en cuenta no solo los completos, sino también los fragmentarios y los indirectos, es decir, los que han transmitido solo alguna parte incompleta de la obra o los que la regogen de maneira indirecta, a través de citas o traduciones [...] la relación debe ser lo más exhaustiva y completa posible [...] De todos modos, la busca no puede hacerse interminable y, cuando se considere razonable, habrá que dar por válido El número de testimonios que hemos podido encontrar. De cada uno de ellos hay que ofrecer una amplia descripción bibliográfica.¹

Para este autor, a *recensio* deve constar do conjunto de testemunhos de uma obra, incluindo a listagem de testemunhos perdidos e edições críticas precedentes, bem como de todos os materiais que façam alusão a estes.

A técnica da arquivística literária, no que tange à organização e catalogação sistemática do material que compõe o espólio de um autor, disponibiliza para o editor, fontes importantes para compreen-

¹ A *recensio* começa propriamente com a relação dos testemunhos que transmitiriam a obra. Entre eles deve-se ter em conta não somente os completos, bem como os fragmentados e os indiretos e decidir, aqueles que transmitiram somente uma parte incompleta da obra ou aqueles que a retomam de maneira indireta, através de citações ou traduções [...] a relação deve ser a mais exhaustiva e completa possível [...] De todos os modos, a busca pode fazer-se interminável e, quando se considere razoável, haverá que dar por válido o número de testemunhos que haveríamos de encontrar. De cada um deles terá que oferecer uma ampla descrição bibliográfica.

são do processo de construção e transmissão de uma dada obra, dando respaldo ao estabelecimento do texto crítico.

3. “Arquivar a própria vida”: aspectos dos acervos pessoais

Almuth Grésillon (2007, p.55) afirma que o manuscrito “antes de tornar-se objeto de conhecimento, é primeiramente um objeto cultural”, que “testemunha o labor do escritor”, bem como a sociedade em que foi plasmado.

A prática de arquivar textos literários remonta ao Iluminismo, momento em que o texto definitivo foi investido de garantias jurídicas, possibilitando a valorização dos manuscritos que lhe deram nascimento. No entanto, as relações entre os escritores e seus manuscritos são controversas, muitos foram os escritores que zelaram por seus textos, salvando-os “do tempo e do exílio”, transformando-os em arquivos pessoais, a exemplo de Flaubert e Victor Hugo; e aqueles que não gostariam de mostrar aos leitores “a forma ultrapassada”, deixando “à posteridade somente a imagem perfeita de si”, concretizada no texto publicado, como Chateaubriand (GRÉSILLON, 2007, p. 123-124).

A organização e valorização de acervos privados surgiram, assim, a partir da atitude de autores em criá-los, visando ao acúmulo de fontes que testemunhassem sua representatividade no âmbito intelectual, histórico e cultural de seu tempo (SANTOS, 1999, p.45). De acordo com Santos (1999, p. 33):

O sentido monumental e histórico do arquivo privado [...] se encontra no próprio ato intencional de acumular documento. O arquivo passa a representar uma espécie de pirâmide. Guardar a memória do titular e a de seu tempo para as gerações futuras, podendo contar muito mais do que se imagina.

Arquivar a própria vida revela, muitas vezes, uma intenção autobiográfica. Ao catalogar seus rascunhos, documentos, fotografias, o sujeito do arquivamento está a criar e a mostrar a imagem que tem de si e aquela pela qual pretende ser lembrado. Arquivar-se é, “uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÉRES, 1998, p. 11). Nesse “movimento de subjetivação”, o titular do arquivo determina o que deve ser dito e o não dito, uma vez que,

Não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs de nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens (ARTIÉRES, 1998, p. 11).

Ao guardar/preservar uma documentação pessoal, marca da personalidade de um escritor, o arquivo revela seu produtor de forma “verdadeira” (GOMES, 1998, p. 125). Contudo, o elemento faltante no arquivo também significa na sua análise, conforme aponta, em *Mal de Arquivo*, Derrida (2001, p. 17). Para o autor as ausências, o não dito, o não arquivado, também dizem algo sobre o sujeito do arquivamento, possibilitando novas configurações e possibilidades de leituras de um arquivo. Assim, recordando aquilo que afirma Le Goff (2003, p. 537-538):

[...] O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziam, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.

O documento não é inocente, bem como a forma como ele é disposto no arquivo não é aleatória, casual, eles expõem o comportamento ético e político de quem o organiza (MOREIRA, 2008, p. 3). Nesse sentido, considerando que “a forma como o arquivo foi organizado/narrado empresta ao acervo determinado direcionamento” (MOREIRA, 2008, p. 3), pretende-se apresentar uma leitura do espólio de Ariovaldo Matos, por meio de uma breve descrição dos elementos que o compõem e de como estes foram organizados pelo seu titular.

4. Desvendando a obra de Ariovaldo Matos: apresentação do espólio do autor

Ariovaldo Magalhães Matos, jornalista e dramaturgo baiano, nascido em 1926, na cidade do Salvador, teve sua vida de escritor oscilando entre o jornalismo e a militância política, tendo sido sua obra projetada em diversas linguagens: jornalística, literária, cinematográfica, televisiva e dramática.

Atuou como editor do jornal *O momento*, órgão do Partido Comunista, o que acabou por influenciar suas atividades literárias, iniciadas em 1955, com a publicação do romance *Corta Braços* e do livro de contos *A dura lei dos homens*, detentor do Prêmio Prefeitura Municipal de Salvador. O autor ainda publicou os romances: *Os dias do Medo* (1968), *Anjos Caiados* (1979), *Colagem desvairada em manhã de Carnaval* (1981); tendo, ainda, sido publicada postumamente, a obra *A Ostra Azul*, organizada por Guido Guerra.

Em 1965, publica o volume de contos *Últimos sinos da Infância*, cujo conto “Desembestado” seria posteriormente adaptado para o teatro, com o nome *A Escolha ou o Desembestado*, peça encenada no Teatro Santo Antônio, sob direção de Orlando Senna, ganhadora do Prêmio Jorge Amado para Dramaturgia, instituído pela Fundação Teatro Castro Alves. Em 1969, estréia sua segunda peça no Teatro Castro Alves, *A Engrenagem*. No ano seguinte, *A Escolha ou o Desembestado* estreou no Teatro Paiol em São Paulo, onde ficou em cartaz por seis meses. Em 1970, Ariovaldo foi condenado pela Justiça Militar e recolhido a Casa de Detenção, onde continuou a escrever.

Enquanto dramaturgo publicou, em 1970, no volume “Teatro”, os textos de suas primeiras peças – *A Escolha ou O Desembestado* e *A Engrenagem*. Ariovaldo deixou inéditas as peças *Irani ou as Interrogações* (1977), *E todos foram heróis cada qual ao seu modo* (1978), ganhadora do Prêmio Xisto Bahia, para o Teatro; *O Ringue* (1975) e *Bibi Telefona* (1982). Sendo a penúltima vetada integralmente pela Censura Federal, proibida, até 1979, em todo território nacional.

Produzindo ao longo da Ditadura Militar, Ariovaldo buscou provocar o espectador para a reflexão acerca da realidade conturbada do Brasil. As críticas sociais presentes em seus textos, motivaram sua prisão em 1964, e condenação em 1970, bem como o veto e a mutilação dos seus textos “com requintes de brutalidades e burrice”, conforme afirma o próprio autor, em entrevista ao *Jornal da Bahia*, em 1968.

Ariovaldo Matos, faleceu a 8 de julho de 1988, deixando aos cuidados dos filhos e do amigo Guido Guerra, o seu espólio.

4.1. O espólio

O acervo pessoal de Ariovaldo Matos encontra-se acondicionado em quatro caixas, com separações internas, por meio de pastas e envelopes. Encontram-se neste, vários documentos referentes a diversos campos de atuação e à passagens de sua vida enquanto jornalista, escritor, professor, empresário, dramaturgo, dentre outros papéis.

Foram catalogados alguns números do jornal *O momento*, jornal do Partido Comunista, no qual atuou como jornalista, bem como recortes de jornais diversos referentes ao lançamento de livros e à encenação das peças teatrais; reportagens acerca dos mesmos; entrevistas do autor acerca da cesura aos seus textos, entrevistas de outros autores acerca dos mesmos, textos publicados pelo autor, no Jornal Tribuna da Bahia, na coluna ‘Opinião Pessoal’; dentre outros.

Há, no acervo pessoal, documentos referentes à atividade empresarial do autor: contratos e atas de reuniões da ADEMI-BA (Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário da Bahia), da AGATE (Agência de Assessoramento Técnico LTDA); cartas ao Secretário de Urbanismo e Obras Públicas; cartas à Receita Federal acerca da AGATE; discurso de posse da ADEMI-BA, na qual esteve presente; guias de recolhimento, contratos, petições, etc.

No que diz respeito à atuação acadêmica na Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal da Bahia, foram encontrados: textos de palestras proferidas, anais do Congresso Nacional de Jornalista, materiais de seminários, entrevistas e artigos publicados sobre a profissão de jornalista.

Fazem parte do espólio do autor: manuscritos com marcas autógrafas de contos e romances; cópias dos livros publicados: *Colagem Desvairada em Manha de Carnaval*, *Os Dias do Medo* e *Anjos Caiados*; parte do texto dramático *Irani ou as Interrogações*, certificados de Prêmios, contratos de alocação de teatros para encenações; bem como uma biografia escrita pelo próprio autor, em dois momentos.

5. *Considerações finais*

Consciente de não poder decifrar e apresentar uma interpretação única do arquivo pessoal de Ariovaldo Matos, o presente trabalho apresentou uma tentativa de leitura deste material, procurando estabelecer uma breve descrição dos elementos que o compõem. Em se tratando de uma etapa que precede a edição do texto, buscou-se, aqui, apresentar uma documentação que poderá possibilitar a interpretação do processo de transmissão de textos e o estabelecimento crítico dos mesmos, unindo, assim, a técnica da Arquivística Literária aos pressupostos teórico-metodológicos da Crítica Textual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: *Revista Estudos Históricos*. Vol. 11, n. 21. 1998.

CANNO AGUILAR, Rafael. *Introducción al análisis filológico*, [s.l.]: Castália, 2000.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Archivo: uma impressão freidiana*. Madrid: Editorial Trotta S. A., 1997.

GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Tradução Cristina de Campos Velho Birck et al., superv. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Porto Alegre: EDUFRGS, 2007.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. In: *Revista Estudos Históricos*. Vol. 11, n. 21, 1998.

LE GOFF, J. *História e memória*. Trad. Irene Ferreira et al. 5ª ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público. In: *Revista Estudos Históricos*, Vol. 11, n. 21, 1998.

MOREIRA, Paula Renata Melo. Espólio de Paulo Leminski: Literatura Contemporânea – Patrimônio Cultural. In: *IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Salvador: 2008.

Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14358.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2010.

PÉREZ PRIEGO, Miguel Angel. *La edición de textos*. Madrid: Síntesis, 1997.

SANTOS, Zeny Duarte de Miranda Magalhães dos. *Arranjo e descrição do espólio de Godofredo Filho*: processo de criação de uma tese de doutorado. Salvador: Instituto de Ciência da Informação, 2005, 230 p.